

Do mar à terra: a conversão dos canhões navais em artilharia de campanha durante a Segunda Guerra dos Bôeres (1899-1902)

From Sea to Land: The Conversion of Naval Guns into Field Artillery during the Second Boer War (1899–1902)

Carlos Roberto Carvalho Daróz

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense, com estágio doutoral na Université Libre de Bruxelles, fomentado pelo *Programme Erasmus+* da União Europeia. Autor de dez livros de história militar e de dezenas de artigos publicados em periódicos científicos nacionais e internacionais.

Resumo: Este artigo investiga o emprego inovador de canhões navais como artilharia de campanha durante a segunda Guerra dos Bôeres, com foco na estratégia liderada pelo capitão Percy Scott, da Marinha Real britânica. Utilizando uma abordagem metodológica baseada em extensa pesquisa em fontes primárias, incluindo relatórios militares, correspondências e registros históricos contemporâneos, examinamos como as forças britânicas superaram os desafios impostos pela artilharia dos bôeres. Durante o conflito, a introdução de canhões navais adaptados para uso em campanha demonstrou ser uma solução eficaz. A análise histórica revela como Scott e a Brigada Naval conseguiram adaptar e integrar com sucesso essas armas em suas operações terrestres, oferecendo uma vantagem tática crucial. O estudo destaca não apenas os aspectos técnicos da adaptação desses canhões, mas também os impactos estratégicos e táticos que essa inovação teve no campo de batalha. Ao examinar o papel fundamental desempenhado pelos canhões navais de Scott, este estudo contribui para uma compreensão mais profunda das estratégias militares empregadas durante a Segunda Guerra dos Bôeres.

Palavras-chave: Artilharia, artilharia naval, Guerra dos Bôeres, Percy Scott.

Abstract: This article investigates the innovative use of naval guns as field artillery during the Second Boer War, focusing on the strategy led by Captain Percy Scott of the British Royal Navy. Using a methodological approach based on extensive research in primary sources—including military reports, correspondence, and contemporary historical records—we examine how British forces overcame the challenges posed by Boer artillery. During the conflict, the introduction of naval guns adapted for field use proved to be an effective solution. The historical analysis reveals how Scott and the Naval Brigade successfully adapted and integrated these weapons into their land operations, providing a crucial tactical advantage. The study highlights not only the technical aspects of adapting these guns but also the strategic and tactical impacts this innovation had on the battlefield. By examining the key role played by Scott's naval guns, this study contributes to a deeper understanding of the military strategies employed during the Second Boer War.

Keywords: Artillery, naval artillery, Boer War, Percy Scott.

Introdução

Este capítulo é o resultado de uma investigação que buscou analisar o emprego de canhões navais como artilharia de campanha, durante a segunda Guerra dos Bôeres, travada entre o Império Britânico e o Estado Livre de Orange, na transição dos séculos XIX para o XX no Sul do continente africano. O conflito, desenvolvido entre 1899 e 1902, encerrou significativa importância histórica, envolvendo os bôeres, descendentes de colonos holandeses e franceses que habitavam a região conhecida como Transvaal, e o Império Britânico. Esta guerra teve suas raízes nas tensões políticas, territoriais e econômicas entre os bôeres e os britânicos na região. Os bôeres formavam comunidades agrícolas independentes, conhecidas como *boer republics*, nas regiões do Transvaal e do Estado Livre de Orange. Mantinham cultura e identidade distintas, baseadas em sua herança europeia e em seu estilo de vida rural.

Entre 1880 e 1881 ocorreu um conflito que foi nomeado como primeira Guerra dos Bôeres, travado entre os bôeres e o Império Britânico, que buscava anexar as regiões do Transvaal e do Estado Livre de Orange à Natal, seu domínio colonial. Os bôeres, liderados por Paul Kruger¹, conseguiram resistir com sucesso às forças britânicas, garantindo a autonomia de suas repúblicas.

A segunda Guerra dos Bôeres foi motivada por questões de controle territorial, direitos políticos e econômicos, além da descoberta de ouro na região do Transvaal. As tentativas britânicas de impor sua autoridade e interferir nos assuntos internos das repúblicas bôeres provocaram conflitos crescentes, culminando na eclosão da guerra em outubro de 1899, a qual se estendeu até 1902 (Pakenham, 1992).

Os primeiros meses deste segundo conflito foram marcados por sucessivos fracassos do Exército Britânico, em razão de os bôeres utilizarem táticas de guerra irregular (guerrilha) contra suas formações e doutrinas militares ortodoxas. Desde os primeiros combates, o exército percebeu que precisaria solicitar auxílio à Marinha Real, após constatar que o alcance de seus canhões era inferior ao das peças utilizadas pelos bôeres, enquanto os canhões navais podiam superar tecnicamente a artilharia bôer.

A história militar está repleta de exemplos nos quais armas foram empregadas em contextos para os quais não foram originalmente concebidas, muitas vezes como resposta a necessidades urgentes durante conflitos armados. Essa adaptação de armas reflete a capacidade dos comandantes e engenheiros militares de aproveitar os recursos disponíveis de forma criativa e inovadora para atender às demandas do campo de batalha. Sob o ponto de vista teórico, esse fenômeno pode ser analisado em diferentes perspectivas, incluindo a flexibilidade tática, a eficiência operacional e os desafios logísticos e técnicos envolvidos.

O uso não ortodoxo do armamento nas guerras não era uma novidade, existindo exemplos na história militar que confirmaram tal processo. Um exemplo histórico notável foi o emprego de canhões navais como artilharia de campanha durante o período das Guerras Napoleônicas. Durante as campanhas terrestres lideradas por Bonaparte, os exércitos france-

1. Paul Kruger (1825-1904) foi um líder político e militar bôer proeminente durante o período da Guerra dos Bôeres. Kruger desempenhou um papel fundamental na defesa dos interesses bôeres contra a expansão britânica na África do Sul, e serviu como presidente da República Sul-Africana (Transvaal) por três mandatos, de 1883 a 1900. Kruger era conhecido por sua firmeza e determinação em resistir à influência britânica e defender a independência das repúblicas bôeres. Ver MEINTJES, Johannes. *President Paul Kruger: a biography*. London: Cassel, 1974.

ses frequentemente recorriam à utilização de canhões de navios montados em reparos terrestres para fornecer apoio de fogo em batalhas (Chandler, 1973). Essa adaptação permitiu aos franceses aproveitar o poder de fogo e a precisão dessas armas em terrenos variados, oferecendo uma vantagem tática significativa sobre seus oponentes.

Outro exemplo foi o uso de metralhadoras durante a Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871. Inicialmente concebidas como armas defensivas para uso a partir de fortificações, foram empregadas de forma inovadora pelas forças prussianas com caráter ofensivo, fornecendo um poder de fogo devastador em ataques rápidos e manobras táticas (Howard, 2001). Essa adaptação demonstrou a capacidade de aproveitar novas tecnologias para redefinir as estratégias de combate e influenciar o curso das operações militares.

Tais exemplos históricos destacam a importância da flexibilidade e da criatividade no emprego de armas em contextos não convencionais. Essa capacidade de inovação é essencial para enfrentar os desafios imprevistos e aproveitar ao máximo os recursos disponíveis no campo de batalha. No entanto, a prática também apresenta desafios logísticos e técnicos, exigindo adaptações e modificações nas armas e nos equipamentos para garantir sua eficácia e compatibilidade com novos cenários de combate.

Na presente investigação, mobilizamos como embasamento teórico o estudo do pesquisador britânico Kenneth Macksey, *Weapons and War*², o qual oferece uma ampla visão sobre o desenvolvimento e a evolução das armas ao longo da história, incluindo exemplos de como diferentes tipos de armamento foram adaptados e empregados de forma criativa em contextos distintos para os quais não foram inicialmente projetados.

Outra obra trabalhada foi *The Colonials in South Africa, 1899-1902: their record, based on the despatches*, de John Stirling³. Publicado imediatamente após o final do conflito, o livro fornece uma análise das ações e contribuições de diferentes oficiais coloniais britânicos durante a Guerra dos Bôeres. A obra baseia suas informações em despachos oficiais e relatórios militares da época, oferecendo uma visão precisa e detalhada das operações militares durante o conflito, sob o ponto de vista britânico.

Uma terceira obra estudada e analisada durante a investigação foi a autobiografia do capitão Percy Scott⁴, publicada em 1919. Scott, um homem inventivo, foi o maior especialista em artilharia da Marinha Real britânica de sua época, cujo trabalho possibilitou a adaptação dos canhões navais em reparos da artilharia de campanha.

Sob essa perspectiva, a presente investigação encontra-se centrada no processo que levou os canhões navais a serem convertidos em artilharia de campanha e fornecidos ao Exército Britânico, especialmente os utilizados no alívio do cerco de Ladysmith, um dos eventos mais importantes do conflito, bem como o papel desempenhado pelo capitão Scott.

A Segunda Guerra dos Boeres e o cerco de Ladysmith

O Império Britânico mobilizou consideráveis forças militares para a África do Sul, incluindo tropas regulares, voluntários e contingentes de outros territórios coloniais. Os prin-

2. Ver MACKSEY, Kenneth. *Weapons of war*. London: Grange Books, 2002.

3. STIRLING, John. *The colonials in South Africa, 1899-1902: their record, based on the despatches*. London: Forgotten Books, 2018.

4. SCOTT, Percy. *Fifty years in the Royal Navy*. London: John Murray, 1919.

cipais comandantes britânicos eram Lord Frederick Roberts, que liderou a campanha inicial britânica, e Lord Horatio Kitchener, que desempenhou papel crucial nas fases posteriores do conflito (Pakenham, 1992).

Durante os estágios iniciais da guerra, os confrontos ocorreram em diversas frentes, incluindo batalhas em Mafeking, Kimberley e Colenso. A estratégia britânica inicial visava à rápida captura das principais cidades bôeres e a supressão da resistência. No entanto, os bôeres, com sua habilidade em táticas de guerrilha e o conhecimento do terreno, conseguiram infligir várias derrotas aos britânicos.

O cerco de Ladysmith foi um dos eventos mais significativos do conflito, iniciado em novembro de 1899. Ladysmith, uma cidade estratégica controlada pelos britânicos, foi sitiada por forças bôeres sob o comando de líderes como Louis Botha⁵ e Jan Smuts⁶. O cerco durou cerca de 118 dias, durante os quais as forças britânicas enfrentaram condições adversas, incluindo a falta de suprimentos e as doenças (Donald, 1990). A cidade foi finalmente libertada em fevereiro de 1900, quando as forças britânicas conseguiram romper o cerco, com o auxílio dos canhões navais convertidos em artilharia de campanha.

À época do sítio, os canhões mais poderosos disponíveis na Artilharia Real eram os canhões BL⁷ de 15 libras⁸, peças de limitado poder de fogo. Para reforçar as operações contra o cerco, uma possibilidade seria transportar os canhões da artilharia de costa de 5 polegadas e os obuseiros de 6 polegadas (de calibre), utilizados na defesa da Cidade do Cabo, para uso como artilharia de campanha (Hall, 1978). No entanto, a dificuldade para desmontar tais peças e,

5. Louis Botha (1862-1919) foi uma figura proeminente na história da África do Sul, especialmente durante o período da Guerra dos Bôeres e no período pós-guerra. Ele foi um líder militar e político bôer que desempenhou um papel crucial na resistência contra a expansão britânica na África do Sul. Botha liderou as forças bôeres durante a guerra, defendendo a independência das repúblicas bôeres da Transvaal e do Estado Livre de Orange. Após a guerra, ele desempenhou um papel importante na reconciliação entre os bôeres e os britânicos, e foi fundamental na formação da União da África do Sul em 1910. Como primeiro primeiro-ministro da União, Botha promoveu políticas de unidade nacional e reconciliação entre os diferentes grupos étnicos do país. Cf. WILLIAMS, Basil. *Botha, Smuts and South Africa*. London: Hodder and Stoughton, 1946.

6. Jan Smuts (1870-1950) foi uma figura proeminente na história da África do Sul, tendo desempenhado papéis diversos como estadista, líder militar e pensador político. Ele emergiu como uma figura proeminente durante a Guerra dos Bôeres, onde lutou ao lado dos bôeres contra as forças britânicas. Após a guerra, Smuts desempenhou um papel-chave na reconciliação entre os bôeres e os britânicos, além de contribuir para a formação da União da África do Sul em 1910. Como político, ele serviu como primeiro-ministro da União em diferentes períodos e foi uma figura central na elaboração da Constituição sul-africana de 1910 e na participação do país na Primeira Guerra Mundial. Smuts também foi reconhecido internacionalmente por suas contribuições para a política global e a paz mundial, participando da redação da Carta das Nações Unidas e sendo um defensor fervoroso do multilateralismo e da cooperação internacional. Sua influência política e intelectual deixou um legado duradouro na história da África do Sul e no cenário internacional. Cf. WILLIAMS, Basil. *Botha, Smuts and South Africa*. London: Hodder and Stoughton, 1946.

7. A sigla BL, na Artilharia Real significa *Breech Loading*, ou seja, carregamento pela culatra. Cf. HOGG, Ian; THURSTON, L. F. *British Artillery weapons & ammunition 1914-1918*. London: Ian Allan, 1972.

8. Os pesos e medidas padrão da Artilharia Real foram estabelecidos pelo Master General of Ordnance em 1764, e não foram alterados até o fim da Segunda Guerra Mundial, quando o sistema métrico foi adicionalmente introduzido. Tal sistema foi substituído pela definição da arma em termos da medição do calibre, que é o padrão atual na maioria dos sistemas de armas em uso pelas forças armadas do mundo. Os padrões do século XVIII baseavam-se no peso do projétil que os canhões disparavam, remontando às peças carregadas pela boca que disparavam projéteis sólidos. Cf. HOGG; THURSTON, op.cit.

sobretudo, transportá-las por terreno árido e montanhoso em longas distâncias, levaria várias semanas, o que fez com que o plano fosse desconsiderado.

No período após o ataque de Jameson⁹, os bôeres adquiriram um arsenal significativo de artilharia, incluindo quatro canhões Creusot de 155 mm, conhecidos como *Long Tom*¹⁰, seis Creusot de 75 mm e oito Krupp QF¹¹ de 75 mm. Estas peças eram notavelmente mais avançadas que as disponíveis na Artilharia Real britânica, oferecendo um desempenho substancialmente superior aos canhões de 15 libras então em uso.



Figura 1 – Com o auxílio de pares de bois, os bôeres transportam um *Long Tom* por terreno acidentado para sitiá-los Ladysmith. A superior artilharia bôer motivou a conversão dos canhões navais britânicos

Fonte: British Battles

A novidade mais marcante veio com o uso dos *Long Tom*. Originalmente comprados para defender Pretória, esses canhões acabaram sendo enviados para o front em Ladysmith (figura 1). Embora a utilização de artilharia fixa no campo de batalha não fosse inédita – a Guerra Franco-Prussiana já havia demonstrado essa possibilidade, estabelecendo um precedente (Howard, 2021) – esse tipo de emprego ainda era raro, dado o contexto doutrinário e as práticas militares da época.

A habilidade e engenhosidade dos bôeres em mover essas peças de artilharia de 5 toneladas através de um terreno extremamente desafiador foram amplamente admiradas. Com um alcance de 10.154 metros e disparando projéteis de 42,6 kg (94 libras), esses canhões impu-

9. O reide de Jameson foi uma incursão militar liderada pelos britânicos em 1895. Seu objetivo era provocar uma revolta contra o governo do Transvaal devido à insatisfação com o controle das minas de ouro. Liderada por Leander Starr Jameson, a incursão fracassou rapidamente, levando a relações tensas entre a Grã-Bretanha e o Transvaal, e exacerbando as tensões que acabaram provocando a segunda Guerra dos Bôeres em 1899. Cf. PAKENHAM, 1992, op.cit.

10. O Creusot Long Tom de 155 mm era um canhão de sítio francês fabricado pela Schneider, em Le Creusot, França. Quatro desses canhões, juntamente com 4.000 projéteis comuns e 4.000 projéteis de fragmentação foram adquiridos pelos bôeres, e instalados, inicialmente, em quatro fortes ao redor de Pretória. Cf. CHANGUION, Louis. *Silence of the guns*. Pretoria: Protea, 2001.

11. A sigla QF, na Artilharia Real significa *Quick Fire*, ou seja, carregamento pela culatra. No Exército Francês, as peças correspondentes eram designadas como TR (*Tir Rapide*). Cf. HOGG, THURSTON, op.cit.

seram um desafio significativo ao Exército Britânico, que lutava para encontrar uma solução eficaz (Hall, 1978).

O cruzador HMS *Terrible*, comandado pelo capitão Percy Scott, renomado especialista em artilharia da Marinha Real, chegou a Simonstown em 14 de outubro de 1899. Scott havia revolucionado os métodos de treinamento na Frota do Mediterrâneo, e alcançado resultados notáveis, apesar de frequentemente entrar em conflito com seus superiores.

Percy Scott entra em cena

Por seu protagonismo nos eventos históricos estudados na presente investigação, assume especial relevância analisar a biografia do capitão Percy Scott, da Marinha Real britânica (figura 2). Sua compreensão da precisão e da mobilidade necessárias para as operações navais influenciou diretamente suas estratégias durante a guerra. Além disso, Scott foi um defensor do uso de novas tecnologias e táticas militares, incluindo o emprego de canhões navais em terra, uma abordagem inovadora que se mostrou crucial para suprir as necessidades de artilharia das tropas britânicas durante a campanha na África do Sul.



Figura 2 – O capitão Percy Scott era o maior especialista em artilharia naval da Marinha Real em sua época.

Fonte: Clowes, 1903.

Percy Moreton Scott (1853-1924) ingressou na Marinha Real como cadete em 1866, aos treze anos de idade, na Real Academia Naval de Eastman, e, dois anos mais tarde, foi designado para servir no HMS *Forte*, uma fragata de 50 canhões. Scott foi promovido ao posto de tenente em 1875. Em 1878 foi matriculado em um curso no HMS *Excellent*¹², para se qualificar como oficial de artilharia naval. Foi durante este período que, tendo criado uma raia de tiro na Ilha Whale (que havia sido formada pelo despejo de lama proveniente da dragagem das bacias

12. O HMS *Excellent* é uma “fragata de pedra” da Marinha Real (estabelecimento em terra) localizada na Ilha Whale, perto de Portsmouth, em Hampshire, uma das sedes da Maritime Warfare School. Cf. WELLS, John. *Whaley, the story of HMS Excellent 1830 to 1980*. Portsmouth: HMS Excellent, 1980.

que formavam o estuário de Portsmouth¹³), Scott apresentou a sugestão de que a ilha deveria ser nivelada e drenada, para permitir a construção de um novo estabelecimento de ensino de artilharia naval, em substituição ao navio de 80 anos que, a época, estava apodrecido e precisava ser substituído. A proposta foi rejeitada por seus superiores, por ser considerada “ridícula” (Scott, 1919).

Ao concluir o curso, permaneceu um ano como instrutor na escola, após o que foi designado como oficial encarregado da artilharia no HMS *Inconstant*, navio subordinado a um esquadrão responsável por treinar oficiais e marinheiros no uso de mastros e velas (Scott, 1919). Em outubro de 1880, partiu para um cruzeiro de longa duração, mas, quando visitava a América do Sul, recebeu ordens das Ilhas Falklands para navegar para a África do Sul, pois havia sido deflagrada a primeira Guerra dos Bôeres. Ali chegou em fevereiro, mas o *Inconstant* não houve tempo para tomar parte nas hostilidades, e, em meados de abril, partiu para a Austrália (Scott, 1919).

Foi durante esse cruzeiro que Scott desenvolveu um sistema de indicador elétrico para comunicar rapidamente o alcance dos alvos, da posição de vigia, no topo do mastro, para as centrais de tiro. Quinze meses mais tarde, recebeu um elogio do Almirantado por seu trabalho, mas, em sua autobiografia, ressaltou com tristeza que, ao retornar à Inglaterra, descobriu que sua ideia havia sido “[...] pirateada e patenteada por outra pessoa [...], o Almirantado só a integrou na doutrina de emprego da artilharia naval 25 anos mais tarde” (Scott, 1919, p. 41).

Em sua viagem de volta para casa, o HMS *Inconstant* foi enviado de Gibraltar para Alexandria. Scott esteve presente no bombardeio naval britânico de 1882 aos fortes egípcios em Alexandria, onde testemunhou quão imprecisos eram os fogos dos artilheiros britânicos. A partir daí, começou a formar suas próprias concepções sobre a natureza do tiro naval. Ele foi elogiado mais uma vez por seu trabalho engenhoso ao desmontar as armas pesadas dos fortes egípcios inimigos capturadas, e adaptá-las para uso pelo Exército britânico (Ibid.).

Em 1883, Scott foi enviado para a Escola de Artilharia do HMS *Cambridge*¹⁴, e, após seis meses, retornou para o HMS *Excellent*, onde defendeu, mais uma vez, a ideia de criar a escola de artilharia na Ilha Whale. Apesar das perspectivas pouco promissoras, elaborou um plano detalhado e o apresentou ao comandante do HMS *Excellent*, capitão John Fisher¹⁵. Após um exame cuidadoso, Fisher apresentou o planejamento de Scott ao Almirantado, com sua recomendação. O plano foi aceito e os trabalhos começaram imediatamente (Scott, 1919).

Em 1886, Scott foi promovido ao posto de comandante e designado como imediato do HMS *Edinburgh*. Scott tentou implementar algumas de suas ideias para melhoria da artilharia mantendo práticas regulares de tiro, mas foi forçado a direcionar a maior parte das energias de sua tripulação para a tarefa naval tradicional de limpeza e conservação do navio, em detrimento das questões operacionais. Segundo ele,

naquela época, era costume um comandante gastar metade de seu salário, ou mais, na compra de tinta para manter os navios de Sua Majestade, e esse era o único

13. A Ilha Whale surgiu em um processo análogo ao que formou a Ilha Pombeba, no porto do Rio de Janeiro, pelo acúmulo de sedimentos dragados do fundo do mar.

14. A exemplo do HMS *Excellent*, o HMS *Cambridge* era uma unidade baseada em terra Marinha Real, localizada em Plymouth, e que também disponibilizava curso de artilharia naval.

15. John Fisher (1841-1921) foi um destacado oficial naval britânico, tendo, no ápice de sua carreira, no posto de almirante, exercido o cargo de Primeiro Lorde do Mar (1914-1915).

caminho para a promoção. Um navio tinha que ser bonito; a beleza era necessária para a promoção e, como o Almirantado não fornecia tinta ou material de limpeza suficiente para manter o navio nos padrões exigidos, os oficiais tinham que providenciar os recursos para comprar o material de limpeza necessário (Scott, 1919, p. 60).

Durante o tempo de serviço no HMS *Edinburgh* e integrando a Frota do Mediterrâneo, Scott notou as dificuldades enfrentadas pelo navio-capitânia para enviar sinais para os demais navios da frota. Tentando solucionar o problema, desenvolveu um dispositivo contendo um farolete instalado em um mastro, que podia ser visto em todas as direções e que, devido à sua altura, não se perdia na confusão das demais luzes da superestrutura. Embora a capitânia da Frota do Mediterrâneo tivesse adotado o projeto proposto por Scott, o Almirantado introduziu um *design* alternativo que não funcionou efetivamente. Somente depois de vários anos de “tentativas e desperdício de dinheiro” (Scott, 1919) o projeto original de Scott foi adotado.

No início de 1890, Scott deixou o HMS *Edinburgh* para retornar ao HMS *Excellent*, onde assumiu o comando da Escola de Artilharia. Ele descobriu que a construção que havia projetado ainda estava em andamento; que seus planos originais estavam “muito distantes” e que as coisas estavam “geralmente em um estado bastante confuso” (Scott, 1919, p. 67-68).

Scott começou a resolver as questões, mas ainda restava o problema de que poucas providências haviam sido tomadas para lidar com a construção, drenagem e nivelamento de estradas. Ele julgou que levar essa questão burocraticamente ao Almirantado não resultaria em nenhuma resolução eficiente, então encontrou uma solução heterodoxa: levantou dinheiro por meio de subscrições públicas para construir um campo de críquete no centro da Ilha Whale, bem drenado e construído profissionalmente. Após sua conclusão, os comissários do Almirantado fizeram uma visita de inspeção e conheceram o novo campo. No entanto, para acessá-lo tiveram que atravessar uma rua que levava ao campo com lama até os tornozelos. Após a visita, o Almirantado emitiu ordens para que a ilha fosse nivelada e drenada (Scott, 1919).

Promovido ao posto de capitão, em janeiro de 1893, Scott serviu no Comitê de Artilharia da Marinha até 1896, quando recebeu seu primeiro comando marítimo, o HMS *Scylla*, um cruzador de 3.400 toneladas da Frota do Mediterrâneo. Durante essa comissão foi capaz de implantar suas teorias sobre artilharia, obtendo um sucesso sem precedentes de 80% de acertos durante os exercícios de artilharia de 1897 (Padfield, 1966). Sua realização foi tão bem sucedida que muitos pensaram que ele havia trapaceado para obter os resultados. Em consequência da turbulência que se seguiu, os Lordes do Almirantado o removeram do comando do HMS *Scylla* (Scott, 1919).

Em 1899, Percy Scott foi nomeado comandante do HMS *Terrible*, um cruzador blindado que recebeu ordens de seguir para o Mar da China. No entanto, já antevendo o início das hostilidades na África do Sul, Scott conseguiu persuadir o Almirantado a permitir-lhe a passagem pelo Cabo da Boa Esperança, em vez da rota originalmente planejada do Canal de Suez (Scott, 1919). O HMS *Terrible* chegou à Cidade do Cabo em outubro, e Scott percebeu que a guerra era iminente.

Os bôeres não possuíam marinha, e logo Scott compreendeu que não era possível para nenhuma outra potência enviar uma frota para atacar a Marinha Real no Cabo e ali ameaçá-la (Pakenham, 1992), de modo que a força naval britânica estava em segurança.

Tradicionalmente, a marinha sempre ajudara o exército com suas armas pesadas, portanto, Scott ficou surpreso ao descobrir que não havia sido tomada nenhuma providência para o fornecimento de armas navais pesadas para ajudar a enfrentar a artilharia bôer. Desde a década de 1860, a Marinha Real fornecia às suas forças de desembarque peças de 9 ou 12 libras. Em 1899, o canhão padrão da marinha era o 12 libras 8 cwt¹⁶ QF, mas este não era melhor do que os canhões que equipavam o exército (Hogg; Thurston, 1972).

Scott decidiu fornecer uma peça com alcance maior do que as utilizadas pelo exército e que fosse capaz de enfrentar os canhões dos bôeres (Scott, 1919). As possibilidades eram as peças mantidas em vários depósitos ou os canhões montados nos navios do Esquadrão do Cabo – nenhum dos quais era normalmente considerado, ortodoxamente, para uso como artilharia de campanha.

A primeira escolha de Scott foi o QF de 12 libras e 12 cwt. Essa arma foi especialmente projetada para uso contra torpedeiros, e, com um alcance de 7.385 metros para projéteis comuns e 4.154 metros para granadas de estilhaçamento, seria capaz de enfrentar a artilharia dos bôeres em boas condições.

Scott adquiriu no comércio da Cidade do Cabo um par de rodas de carroça e um machado. O carpinteiro, os armadores e os ferreiros trabalharam sem interrupção e, em apenas 24 horas, o primeiro canhão estava pronto. Embora o resultado parecesse demasiadamente artesanal, a peça funcionou, e alguns tiros de teste foram disparados para assegurar que tudo estava bem (Hall, 1978). Mesmo diante de algumas restrições oficiais, Scott conseguiu produzir quatro canhões até 25 de outubro, com tubos mais longos – e consequentemente alcance maior – do que as peças de 12 libras do exército. Esses novos canhões passaram a ser conhecidos como Long 12.

Mais tarde, Scott afirmou que, se lhe tivessem pedido, cinquenta dessas armas poderiam ter sido preparadas para o serviço em campanha em apenas uma semana (Scott, 1919). Atrelados à parte traseira dos vagões da ferrovia do Cabo, que serviriam como transportadores de munição, as novas peças poderiam ir a qualquer lugar na África do Sul.

Começa a luta

Enquanto isso, a luta havia começado. O primeiro confronto ocorreu em Dundee, em 20 de outubro, onde os canhões da Artilharia Real tiveram que enfrentar duros combates e ficaram ao alcance das granadas das peças inimigas. A mesma coisa aconteceu no dia seguinte em Elandslaagte. Os pouco eficazes RML¹⁷ de 2,5 polegadas, da Bateria de Artilharia de

16. A sigla cwt significa cem pesos, que, apesar do nome, equivale a 112 libras (51 kg), e significa o peso do cano e da culatra da arma. Às vezes era incluído no nome de uma peça para diferenciá-la de outras armas do mesmo calibre ou peso do tiro. Por exemplo, o canhão naval QF de 12 libras e 18 cwt era uma arma diferente (e mais pesada) do canhão naval QF de 12 libras e 8 cwt Mk I, embora ambos disparem projéteis com o mesmo peso aproximado, 12 libras (5,4 kg). Ver HOGG; THURSTON, op.cit.

17. A sigla RML significa Rifled Muzzle Loading (carregamento pela boca raiado), um tipo de grande peça de artilharia concebida em meados do século XIX. Em contraste com o canhão de alma (interior do tubo) lisa que o precedeu, o raiamento do tubo da arma permitia muito maior precisão e penetração, pois o giro induzido ao projétil dava-lhe estabilidade direcional. Canhões típicos pesavam 18 toneladas com calibre de 10 polegadas de diâmetro e eram instalados em fortificações e navios. Cf. KNIGHT, Ian. *Boer Commando 1876–1902*. Osprey Publishing, 2004. Cf. KNIGHT, Ian. *Boer Commando 1876–1902*. Osprey Publishing, 2004.

Campanha de Natal, mostraram-se inúteis, e os canhões de 15 libras das 21^a e 42^a Baterias da Artilharia Real tiveram que avançar sob fogo para ocuparem posições mais avançadas, a fim de melhorar o alcance de suas peças (Stirling, 2018).

Nessa época, o comandante do Esquadrão do Cabo era o contra-almirante Sir Robert Harris, que tinha como capitânia o cruzador HMS *Doris*. Em 25 de outubro, Scott leu um jornal da Cidade do Cabo, o qual apontava que as luzes de Kimberley podiam ser vistas à distância. Portanto, ele projetou um suporte para holofote em um vagão ferroviário que poderia ser usado para se comunicar com a cidade, por meio do código morse¹⁸. Ele perguntou se poderia mostrar seu projeto ao almirante Harris após o jantar daquela noite. Quando chegou, às 21h00, foi informado que Sir George White, em Ladysmith, havia enviado a seguinte mensagem ao governador de Natal.¹⁹

Tendo em vista que o general Joubert está trazendo armas pesadas do norte, sugiro que a Marinha seja consultada para que envie para cá destacamentos de casacas azuis [marinheiros] com canhões que disparem projéteis pesados a longa distância (Burne, 1902, p. 23).

O almirante Harris havia sido informado por seus especialistas em artilharia de que era impossível produzir rapidamente reparos²⁰ para os 4,7 polegadas, e decidiu enviar apenas os quatro 12 libras que Scott havia preparado (Burne, 1902). Scott disse que não via razão para que os 4,7 também não pudessem ser equipados com reparos adequados. De fato, esse seria um problema mais fácil de resolver do que o apresentado pelos 12 libras. Ele disse que teria duas armas prontas até as 17h00 do dia seguinte (Scott, 1919).

Scott decidiu que os reparos deveriam atender a três requisitos. Primeiro, o canhão deveria ser capaz de disparar em qualquer direção. Esse requisito foi atendido com a disposição de vigas de madeira em forma de cruz, proporcionando estabilidade igual em todas as direções. Em segundo lugar, a plataforma deveria ser suficientemente estável para não precisar ser

18. O código Morse é um sistema de comunicação que utiliza uma combinação de pontos e traços para representar letras, números e símbolos. Foi desenvolvido pelo inventor Samuel Morse no século XIX, como um método de transmitir mensagens por meio de sinais elétricos, inicialmente usando telégrafos. Cada letra do alfabeto, número e símbolo possui uma sequência específica de pontos (representados por *dots*) e traços (representados por *dashes*), que são agrupados em diferentes combinações para formar caracteres. O código Morse é amplamente utilizado em comunicações de rádio, telegrafia e outras formas de comunicação à distância, sendo conhecido por sua eficiência e simplicidade. Ver STANDAGE, Tom. *The Victorian Internet: the remarkable story of the telegraph and the nineteenth century's on-line pioneers*. London: Bloomsbury Publishing, 1998.

19. Natal era a colônia britânica localizada na região nordeste da África do Sul, na fronteira com as repúblicas bôeres da Transvaal e do Estado Livre de Orange. A cidade de Natal, atualmente conhecida como Pietermaritzburg, era a capital da colônia e uma importante base militar para as operações britânicas durante o conflito. A região de Natal foi palco de várias batalhas e confrontos durante a guerra, incluindo a tentativa inicial dos bôeres de invadir a colônia britânica no início do conflito, bem como a defesa britânica bem-sucedida de posições estratégicas na área. Cf. PAKENHAM, 1992, op.cit.

20. O reparo de uma peça de artilharia refere-se ao conjunto de equipamentos e estruturas utilizados para sustentar e operar a boca de fogo (tubo do canhão, ou obuseiro). Inclui a plataforma ou base sobre a qual a peça é montada, bem como os mecanismos de elevação e direção que permitem apontar a arma com precisão. Além disso, o reparo pode englobar sistemas de amortecimento de recuo para absorver o impacto do disparo, garantindo estabilidade e segurança durante o uso. O reparo de uma peça de artilharia desempenha um papel crucial na eficácia operacional da arma, proporcionando suporte e controle essenciais para o seu funcionamento adequado durante o combate. Cf. HOGG; THURSTON, op.cit.

aparafusada. A solução técnica encontrada foi o uso de vigas de 3,7 metros de comprimento e, por segurança, dezesseis velhos projetis de 12 libras, pesando 272 quilogramas, que seriam utilizadas com correntes para ancorar as extremidades da peça de madeira. Em terceiro lugar, deveria ser possível transportar a arma rapidamente de um lugar para outro. A resposta foi colocar o reparo com parafusos e porcas, de modo que pudessem ser desacopladas rapidamente (Scott, 1919).



Figura 3 – Um canhão naval de 12 libras adaptado em reparo terrestre pelo capitão Scott (Long 12) é conduzido pela Brigada Naval por terreno acidentado seguindo para o perímetro defensivo de Ladysmith.

Fonte: Imperial War Museum

Às 17h00 de 26 de outubro, o HMS *Powerful* partiu para Durban com dois canhões de 4,7 polegadas e quatro de 12 libras, destinados para o general Sir George White, comandante da defesa de Ladysmith (Donald, 1990). Scott havia sugerido que cinco mil granadas fossem enviadas com os canhões de 4,7, mas o almirante Harris permitiu que apenas 500 fossem fornecidas. Mais tarde, Scott observou que, a dez tiros por minuto, os dois canhões poderiam ter disparado essa quantidade em apenas 25 minutos (Scott, 1919).

Imediatamente após a chegada em Durban, os canhões foram transportados para Ladysmith pela Brigada Naval²¹, uma força organizada com marinheiros retirados das tripulações dos navios. Depois de percorrerem um caminho de cerca de 320 quilômetros em terreno acidentado (figura 3), as peças chegaram em 30 de outubro, enquanto a batalha pela cidade estava em pleno andamento.

O combate não estava indo bem. Os Long 12 entraram imediatamente em ação, e seu fogo de longo alcance ajudou muito a infantaria, enquanto esta recuava em direção a

21. A Brigada Naval, formada especificamente para atuar durante a segunda Guerra dos Bôeres, desempenhou um papel crucial ao fornecer apoio de fogo ao Exército britânico. Composta por marinheiros e oficiais da Marinha Real, a brigada foi responsável por transportar e operar canhões navais convertidos para uso em campanha. Essas armas foram essenciais para fornecer um apoio de fogo eficaz durante as operações militares no terreno sul-africano, acidentado e montanhoso. A Brigada Naval demonstrou notável dedicação e habilidade logística ao transportar os canhões em um percurso de cerca de 320 quilômetros de Durban até Ladysmith, enfrentando os desafios do terreno e contribuindo significativamente para o sucesso das forças britânicas na guerra. Ver PAKENHAM, 1992, op.cit.

Ladysmith. Um canhão foi destruído pela explosão de um projétil e alguns dos membros de sua guarnição foram feridos. Por outro lado, um *Long Tom* bôer foi silenciado (Stirling, 2018). Scott havia dado instruções para a montagem dos 4,7 ao tenente Egerton, oficial de artilharia do HMS *Powerful*, mas ele foi morto e a tarefa ficou a cargo de outro oficial (Scott, 1919).

O almirante Harris, em seu telegrama anunciando o envio desses canhões de Simonstown, disse que “uma acomodação eficiente de sólido reparo deveria estar pronta para eles”. Levando em conta essas instruções, os 4,7 foram concretados, o que efetivamente eliminou sua mobilidade. O almirante Harris aprovou então 500 granadas adicionais de munição 4,7, mas já era tarde demais para levá-los a Ladysmith (Scott, 1919). As 500 granadas originais tiveram que ser judiciosamente racionadas, para permitir o emprego da artilharia durante todo o cerco.

Os canhões navais tornam-se canhões de campanha

Assim que o HMS *Powerful* zarpou de Simonstown, Scott começou a trabalhar no projeto de um reparo móvel para os 4,7. Ele encontrou algumas barras de ferro de 4 polegadas em uma ferraria, desenhou o projeto em uma porta, e, em um minuto, o trabalho estava em andamento. Encontrou uma placa circular com 1,2 metro de diâmetro para as rodas. Uma cantoneira de ferro em volta do aro foi projetada para suportar um pneu largo, e ali foi montada a roda. Foi acoplado um trilho de madeira, e o canhão concluído ficou pronto em apenas 48 horas (Scott, 1919).

O capitão Scott foi, a seguir, nomeado comandante militar de Durban, e embarcou para o porto a fim de assumir suas novas funções, em 3 de novembro. Durban era a principal base de operações em Natal e sua segurança era vital (Stirling, 2018). Scott foi autorizado a utilizar os homens do HMS *Terrible* e de quaisquer outros navios estacionados na área de Durban. Tendo chegado no dia 6, percorreu imediatamente as defesas e elaborou seus planos.

Na manhã do dia 8, a Brigada Naval, com cerca de 450 marinheiros e 30 canhões, entrou em forma ao som do dobrado militar *A life on the ocean wave*²², e marchou para assumir o controle das defesas locais. Os canhões eram dois 4,7 polegadas, 16 Long 12, dois 12 libras 8-cwt, um 9 libras, dois 3 libras, duas metralhadoras Nordenfeldt e quatro metralhadoras Maxim.

Na ocasião, Scott (1919, p. 44) afirmou:

Os habitantes da cidade se mobilizaram e deram toda a assistência. Todas as associações locais de caçadores compareceram, e um corpo de cavalheiros montados locais realizou todo o trabalho de reconhecimento. Foi um grande prazer trabalhar com os leais moradores de Natal.

Às 16h00 do dia 8, todos os acessos a Durban por ferrovia ou estrada estavam cobertos pela artilharia – um trem blindado estava de prontidão - e Scott enviou um telegrama ao governador e ao almirante para informar que Durban estava segura (Scott, 1919). Em 28 de

22. *A Life on the Ocean Wave* é um poema que foi musicalizado por Epes Sargent, publicado em 1838 e musicado por Henry Russell. Trata-se de uma icônica marcha regimental dos Fuzileiros Navais Reais de Sua Majestade (Royal Marines), executada pelas bandas militares da corporação até os dias atuais. Cf. CLEVELAND, Nancy. “A Life on the Ocean Wave”: pioneer girl, fact and fiction of Laura Ingalls Wilder. *A to Z*, 2009. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/A_Life_on_the_Ocean_Wave>. Acesso em 9 fev. 2024.

novembro, considerou-se que a ameaça a Durban havia cessado e foi dada permissão para deslocar os canhões para usá-los em outro lugar, conforme necessário.

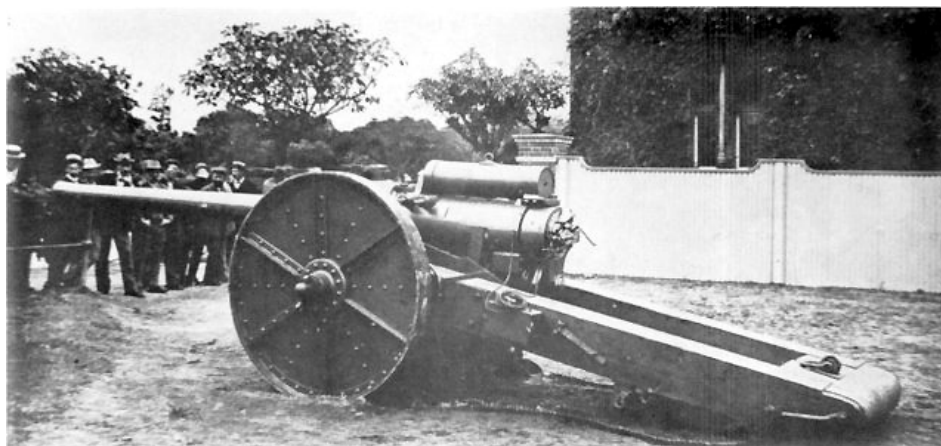


Figura 4 – Um 4,7 polegadas convertido por Scott fotografado em Durban.

Fonte: Johannesburg National Museum of Military History

Enquanto isso, Scott continuou trabalhando nos 4,7 (figura 4) e no treinamento de suas guarnições. Em certa ocasião, ele enviou um telegrama ao comandante Limpus: “Conduza um canhão 4,7 sem bois para Umgeni [a 10,4 km de distância de sua base], dispare um tiro, informe a hora de saída e a hora de retorno” (Scott, 1919, p. 46). Cinco minutos depois, veio a resposta: “Partimos”. Quatro horas depois, Scott saiu a cavalo para encontrar os homens que já estavam retornando da missão.

O fim do cerco a Ladysmith e novo emprego da artilharia de Scott

O general Redvers Buller²³ tinha acabado de chegar a Natal, e, ao ser informado sobre a capacidade dos canhões e a prontidão dos homens, imediatamente ordenou que dois 4,7 e quatro Long 12 fossem enviados para a frente. Um trem especial foi reservado para as 17h00 e, na manhã seguinte, as armas estavam em posição, junto ao exército de Buller (Hall, 1978).

Como ocorreu em Kimberley, as comunicações eram um problema e os pombos-correio de Ladysmith logo se esgotaram (Morris 1998). Mais uma vez, Scott produziu um holofote com uma lâmpada pisca-pisca que funcionava de acordo com o princípio da persiana veneziana. Um dínamo foi retirado de uma draga e, ao meio-dia seguinte, o holofote partiu para Frere. As comunicações com Ladysmith logo foram restabelecidas (Scott, 1919). Buller considerou que os canhões de longo alcance eram muito valiosos e, para a Batalha de Colenso, reservou dois 4,7 e 16 Long 12 para seu exército (Pakenham, 1992).

Em seguida, Scott projetou um reparo para um canhão de 6 polegadas. Ao ser perguntado se gostaria de ter algumas dessas peças, o general Buller respondeu que o almirante Harris havia-lhe pedido para não despojar os navios de seus canhões e que, portanto, não gostaria de

23. O general Redvers Buller (1839-1908) foi nomeado para o comando das forças britânicas na África do Sul em outubro de 1899, pouco antes do início oficial da Guerra dos Bôeres, que ocorreu em 11 de outubro de 1899. Sua nomeação ocorreu em resposta às crescentes tensões entre os britânicos e os bôeres e à iminência do conflito armado na região. Assumindo o comando das forças britânicas na África do Sul em um momento crucial, Buller enfrentou o desafio de liderar as operações militares durante a guerra. MORRIS, Donald. *The washing of the spears: the rise and fall of the Zulu Nation*. Boston: Da Capo Press, 1998.

solicitá-los. Posteriormente, Scott afirmou que, se Buller tivesse seis canhões de 6 polegadas em Tugela, Ladysmith teria sido liberada três meses antes do que foi (Scott, 1919).



Figura 5 – O canhão naval 4,7 polegadas em reparo ferroviário, convertido por Scott por solicitação do general Barton.

Fonte: Imperial War Museum

Em 16 de janeiro de 1900, quando Buller estava ausente em Spioen Kop, o general Barton²⁴ perguntou a Scott se ele poderia fornecer um canhão 4,7 embarcado em um vagão ferroviário (Scott, 1919). Barton pretendia bombardear uma nova posição inimiga. Para tal, um vagão foi reforçado com madeira, no qual foi instalado um canhão em um reparo semelhante àqueles disponibilizados para as peças de Ladysmith. As travessas foram encurtadas, para permitir a movimentação pelos túneis da ferrovia (figura 5).

Devido à quantidade de energia absorvida pelos cilindros hidráulicos do sistema recuperador da arma, muito pouca energia de recuo era transmitida ao vagão e, conseqüentemente, o canhão era estável o suficiente para ser disparado em ângulos retos, na direção longitudinal da linha férrea. Era necessário dar mais estabilidade à arma no caso de ela ser usada fora do vagão ferroviário, o que foi providenciado com a instalação de uma viga adicional que podia ser aparafusada no reparo.

Mais três canhões desse tipo foram fabricados e usados contra os bôeres em Pieter's Hill. Buller preferiu esses canhões à versão com rodas, pois o sistema de recuo absorvia as tensões do disparo e, por ser montado rigidamente, o reparo não se deslocava, o que permitia uma elevada cadência de tiro (Scott, 1919).

Às 16h00 de quinta-feira, 8 de fevereiro, Buller solicitou com urgência um canhão de 6 polegadas, em um reparo sobre rodas. Ele precisava dele até segunda-feira, dia 12, para seu ataque final a Pieter's Hill. O canhão foi trazido para terra a partir do HMS *Terrible*. Algumas rodas rejeitadas do 4,7 foram entregues em Pietermaritzburg, e pneus largos foram montados para suportar o maior peso. O canhão ficou pronto à meia-noite de sábado. No domingo, foi realizado um tiro técnico²⁵ na praia de Durban, e, em seguida, a peça foi despachada para o *front*, chegando a Chieveley à luz do dia em 12 de fevereiro.

24. o general William Barton (1748–1831) foi um comandante militar britânico que liderou uma brigada na Guerra dos Bôeres.

25. O Tiro Técnico é um tiro executado por uma arma ou sistema de armas, pela equipe técnica responsável pela

É muito relevante atentar para a rapidez com que Percy Scott desenvolveu este projeto de artilharia. A solicitação foi feita em uma 5ª feira, para que a peça estivesse disponível na 2ª feira subsequente. Ao longo de toda a 6ª feira e do sábado, os trabalhos foram realizados, de modo que, à meia-noite, o canhão estava pronto. No domingo a peça foi submetida a um tiro técnico – o qual foi bem sucedido – e, na mesma data, seguiu para o campo de batalha, entrando em posição de combate na 2ª feira. Ou seja, em apenas quatro dias, Percy Scott e sua equipe conseguiram converter um canhão naval em artilharia de campanha, e isso em meio a um conflito, distante cerca de 7.600 quilômetros dos arsenais reais das ilhas britânicas.

Com a chegada de reforços e suprimentos, as forças britânicas conseguiram restaurar a comunicação e romper o cerco a Ladysmith deu-se em 28 de fevereiro de 1900, quando tropas lideradas por Buller, conseguiram subjugar as linhas bôeres e chegar à cidade sitiada (Donald, 1990). O socorro foi alcançado após uma série de batalhas e confrontos ao longo de várias semanas, culminando na vitória britânica na Batalha de Pieter's Hill.

Após o socorro a Ladysmith, Buller perguntou se poderia ter canhões 4,7 com reparos mais leves e maior mobilidade (Stirling, 2018). Os reparos de madeira foram removidos, e substituídos por outros de aço. Uma roda que havia sido colocada para facilitar o movimento a braço da peça foi removida, para permitir que atingisse a elevação máxima de 37°. Quatro canhões foram produzidos com esses reparos de aço e entregues à Real Artilharia de Guarnição²⁶, após um tiro técnico realizado na praia de Durban (Hall, 1978). Não foram fabricados reparos para nenhum desses canhões. Em vez disso, foram usados vagões ferroviários da Cidade do Cabo para transportar sua munição.

Com o levantamento do cerco, os marinheiros da Brigada Naval foram, aos poucos, restituídos aos seus navios, mas muitos dos canhões permaneceram com o exército e foram entregues à Real Artilharia de Guarnição.

Considerações finais

Este estudo se concentrou na colônia britânica de Natal, mas não se deve esquecer que os canhões navais também estiveram em uso pelos britânicos. O canhão naval 12 libras 12-cwt naval também apareceu em outra situação como integrante da Bateria Elswick²⁷. Seis dessas

execução da respectiva manutenção ou reparação, na qual itens pertencentes à cadeia cinemática de disparo ou que nela possam influir, tenham sido reparados ou substituídos. Ver BRASIL. *Glossário das Forças Armadas*. Brasília: Ministério da Defesa, 2016.

26. A Real Artilharia de Guarnição (*Royal Garrison Artillery* - RGA) foi formada em 1899 como um braço do Real Regimento de Artilharia (*Royal Regiment of Artillery*), ao lado dos outros dois braços do Regimento: a Real Artilharia de Campanha (*Royal Field Artillery* - RFA) e a Real Artilharia a Cavalo (*Royal Horse Artillery* - RHA). A RGA era o braço “técnico” da Artilharia Real, responsável por grande parte da profissionalização da artilharia técnica que ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial. Foi originalmente estabelecida para guarnecer os canhões dos fortes e fortalezas do Império Britânico, incluindo as baterias de artilharia de costa e as baterias de canhões pesados anexadas a cada divisão de infantaria e os canhões da artilharia de sítio. Cf. LITCHFIELD, Norman; WESTLAKE, R. *The Volunteer Artillery 1859-1908*. Nottingham: The Sherwood Press, 1982.

27. A Real Bateria de Artilharia 203 fazia parte do 101º Real Regimento de Artilharia (Northumberland). Formada em 31 de janeiro de 1900, a Bateria Elswick, como ficou conhecida, partiu para a África do Sul para participar na segunda Guerra dos Bôeres. A bateria estava armada com canhões de 12 libras fabricados pela Armstrongs em Elswick. A construção dos canhões foi financiada por Lady Meux, uma excêntrica herdeira de uma cervejaria. Cf. LITCHFIELD, Norman. *The Territorial Artillery 1908-1988*. Nottingham: The Sherwood Press, 1992.

peças haviam sido destinados a um navio de guerra japonês em construção em Newcastle-upon-Tyne, mas foram convertidos em peças de campanha e entregues a uma bateria de voluntários, cujos homens trabalhavam em obras de engenharia civil. Os canhões entraram em serviço na África do Sul (Litchfield, 1982).

No próximo grande conflito que os britânicos se envolveram, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as armas navais convertidas também estiveram presentes, na Frente Ocidental. Os Long 12 estiveram em Belmont, Graspán e Modder River. Um canhão de 4,7 polegadas atuou em Magersfontein. Dois canhões de 6 polegadas foram instalados em reparos sobre trilhos no Royal Naval Dockyard em Simonstown. Esses canhões disparavam um projétil de 45,4 kg a um alcance de 9.969 metros.

A segunda Guerra dos Bôeres foi um conflito marcante na história da África do Sul, refletindo as tensões entre colonos e impérios coloniais no final do século XIX. O conflito deixou um legado duradouro de divisões étnicas e políticas no país, enquanto também influenciou o curso da história militar britânica e a percepção internacional do Império Britânico.

O conflito foi palco de inovações muito importantes no emprego da artilharia. Não há dúvida de que os canhões de longo alcance da marinha desempenharam um papel muito importante na defesa de Ladysmith e nas operações de campanha realizadas pelo Exército britânico na África do Sul.

Merece especial destaque o papel desempenhado pelo capitão Percy Scott, que agregou sua experiência pretérita como oficial de artilharia naval para converter, tecnicamente e com muito sucesso, canhões navais em artilharia de campanha. A rapidez e eficiência com que empreendeu a tarefa possibilitaram ao Exército britânico um apoio de fogo eficaz contra as tropas bôeres. Um exemplo categórico dessa celeridade deu-se quando Scott conseguiu, atendendo a uma solicitação do general Buller, fornecer um canhão de 6 polegadas com reparo terrestre em apenas quatro dias, um prazo extremamente exíguo.

Por outro lado, merece destaque a epopeia da Brigada Naval, que conseguiu transportar os canhões convertidos de Durban até a cidade sitiada de Ladysmith, em um difícil percurso de cerca de 320 quilômetros, transpondo terreno acidentado e montanhoso.

A combinação da visão pioneira do capitão Percy Scott e da notável dedicação da Brigada Naval resultou em uma contribuição crucial para o sucesso das operações britânicas na Guerra dos Bôeres. O rápido e eficaz processo de conversão de canhões navais em artilharia de campanha permitiu ao Exército britânico contar com um apoio de fogo vital contra as tropas bôeres, destacando a importância da adaptação e inovação durante o conflito. A capacidade de fornecer e transportar os canhões convertidos em tempo reduzido demonstrou não apenas a habilidade técnica e logística das forças britânicas, mas também sua determinação em enfrentar os desafios do difícil terreno sul-africano.

O legado da contribuição de Percy Scott e da Brigada Naval na Guerra dos Bôeres ecoa como um exemplo de resiliência e eficiência militar em circunstâncias desafiadoras, e evidencia as transformações técnicas processadas na artilharia. Uma solução naval para um problema terrestre que foi muito bem sucedida.

Bibliografia

BURNE, C.R.N. *With the Naval Brigade in Natal, 1899-1900*. London: Armeld, 1902.

CHANDLER, David. *The campaigns of Napoleon*. New York: Simon & Schuster, 1973.

CHANGUION, Louis. *Silence of the guns*. Pretoria: Protea, 2001.

CLEAVELAND, Nancy. "A Life on the Ocean Wave": pioneer girl, fact and fiction of Laura Ingalls Wilder. *A to Z*, 2009. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/A_Life_on_the_Ocean_Wave>. Acesso em 9 fev. 2024.

CLOWES, W. *The Royal Navy: a history from the earliest times to the present*, v. 7. London: Symonds, Marston and company, 1903.

DONALD, MacDonald. *How we kept the flag flying: the story of the siege of Ladysmith*. London: Ward, Lock & Co, 1990.

HALL, D. The naval guns in Natal 1899-1902. *Military History Journal*, Cape Town, v. 4, n. 3, jun. 1978.

HOGG, Ian; THURSTON, L. F. *British Artillery weapons & ammunition 1914-1918*. London: Ian Allan, 1972.

HOWARD, Michael. *The Franco-Prussian War: the german invasion of France 1870-1871*. Oxfordshire: Routledge, 2001.

KNIGHT, Ian. *Boer Commando 1876-1902*. Osprey Publishing, 2004.

LITCHFIELD, Norman. *The Territorial Artillery 1908-1988*. Nottingham: The Sherwood Press, 1992.

LITCHFIELD, Norman; WESTLAKE, Robert. *The Volunteer Artillery 1859-1908*. Nottingham: The Sherwood Press, 1982.

MACKSEY, Kenneth. *Weapons of war*. London: Grange Books, 2002.

MORRIS, Donald. *The washing of the spears: the rise and fall of the Zulu Nation*. Boston: Da Capo Press, 1998.

PADFIELD, Peter. *Aim straight: a biography of Sir Percy Scott, the father of modern naval gunnery*. London: Hodder & Stoughton, 1966.

PAKENHAM, Thomas. *The Boer War*. London: Random House, 1992.

SCOTT, Percy. *Fifty years in the Royal Navy*. London: John Murray, 1919.

STIRLING, John. *The Colonials in South Africa, 1899-1902: their record, based on the despatches*. London: Forgotten Books, 2018.

WELLS, John. *Whaley, the story of HMS Excellent 1830 to 1980*. Portsmouth: HMS Excellent, 1980.

WILLIAMS, Basil. *Botha, Smuts and South Africa*. London: Hodder and Stoughton, 1946.